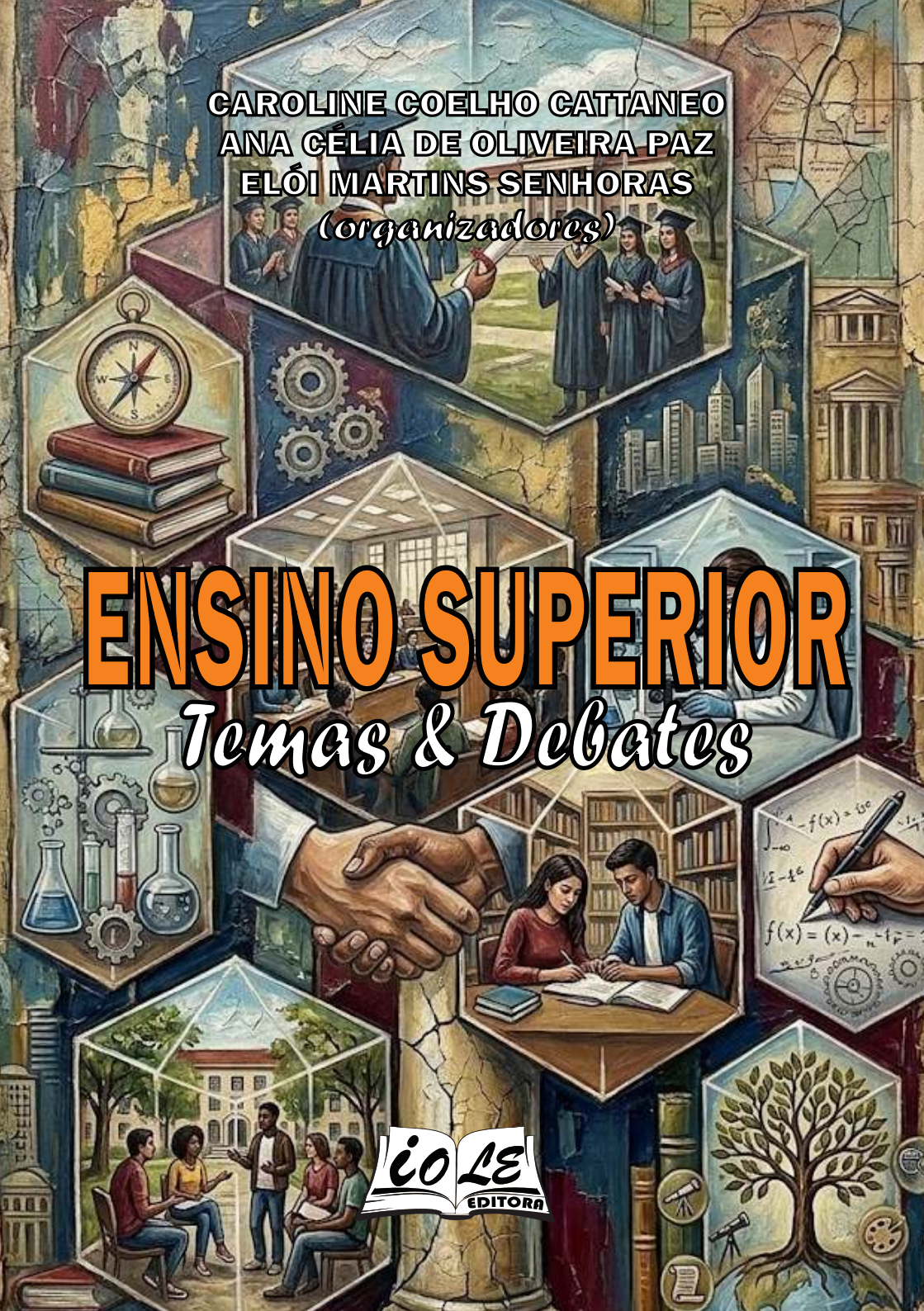
CAROLINE COELHO CATTANEO
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)

ENSINO SUPERIOR

Temas & Debates



EDITORA

ENSINO SUPERIOR

Temas & Debates

ENSINO SUPERIOR

Temas & Debates

Caroline Coelho Cattaneo
Ana Célia de Oliveira Paz
Elói Martins Senhoras
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Ca4 CATTANEO, Caroline Coelho; PAZ, Ana Célia de Oliveira; SENHORAS, Elói Martins (organizadores).

Ensino Superior: Temas & Debates. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-977111-7-8

1 - Educação. 2 - Ensino Superior. 3 - Estudos de Caso. 4 - Universidade.
I - Título. II - Cattaneo, Caroline Coelho. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 1

A Comunicação On Line no Ensino Superior
Como Recurso Didático na Pesquisa em Educação

A COMUNICAÇÃO ON LINE NO ENSINO SUPERIOR COMO RECURSO DIDÁTICO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Karla Cristina Silva Sousa[1]
Hilce de Castro Aguiar Costa[2]
Valdenice de Araújo Prazeres[3]

Quando a escrita desse capítulo foi iniciada pensamos: por onde começar? Pois não é fácil pôr à mostra a construção do objeto. Objeto este que ao final da pesquisa não está e nunca estará acabado (BOURDIEU, 2007). O que falar aos pesquisadores curiosos por uma temática que no mínimo é enigmática do ponto de vista do fazer e do saber-fazer? De certa maneira escrever algo acadêmico-científico aflora os nervos, visto que a escrita de um texto é muito sozinha, nos diz Bourdieu (*op. cit.*), e você nunca o faz de uma assentada.

A partir desse pensamento não foi intenção mutilar a pesquisa aqui apresentada sob a forma de capítulo, mesmo sabendo que de um modo ou outro, a exemplo do que nos adverte Bourdieu (2007), sempre a mutilamos pelo menos de duas maneiras: do ponto de vista metodológico cometemos uma primeira mutilação quando nos livramos do processo e apresentamos o resultado pronto e

[1] Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail para contato: sousa.karla@ufma.br

[2] Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail para contato: hilce.aguiar@ufma.br

[3] Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail para contato: va.prazeres@ufma.br

acabado. Um texto científico não é imparcial, ele traz a vivência de seu autor.

Então, cometemos uma segunda mutilação: separar a opção metodológica da opção teórica. As opções teóricas são inseparáveis das empíricas. Para não incorrer nesses erros e não mutilar a pesquisa apresentamos, a partir de agora, o processo de construção do objeto de estudo do artigo e suas opções teórico-metodológicas.

Gostaríamos de alertar que não tínhamos a comunicação *on line* na pesquisa em educação como objeto de estudo. A ideia de fazer uma reflexão sobre a coleta de dados a partir da comunicação *on line* surgiu no momento em que tivemos que coletar dados de duas macros pesquisas financiadas e que possuem objetos distintos: um visa mapear os egressos do PIBID/UFMA e saber seus impactos na formação desses sujeitos e, a outra, objetiva saber o papel da União no regime de colaboração proposto pelo Plano de Ações Articuladas (PAR) na região Metropolitana de São Luís (MA). Ambas possuem algo em comum: a coleta de dados via formulários *on line*.

Assim, foi tomando forma esta outra pesquisa que aborda os limites e possibilidades da coleta de dados por formulários *on line* para a pesquisa em educação. Mas para empreender a esse tema foi necessário refletirmos sobre uma afirmação de Castro (1977) em relação à escolha de uma temática: por que um tema é relevante e o que o torna importante? Segundo o autor, um tema será relevante ou importante se afetar grande parte da sociedade.

Respondemos a esta questão proposta por Castro (1977) dizendo que atualmente as dificuldades encontradas no acesso ao ensino têm demandado políticas que facilitem a seu ingresso, dentre estas a adoção de plataformas em ambientes virtuais que visam atingir maior quantidade de pessoas em relação à oferta da educação. Nesse sentido, é comum observarmos o uso das Tecnologias da

Comunicação e Informação (TIC) por professores e alunos na dinamização do conhecimento.

Dessa maneira, vemos avançar a educação tecnológica que possui por objetivo orientar a educação do sujeito de modo que ele seja capaz tanto de criar tecnologias como desfrutar dela refletindo sobre sua influência na sociedade. Conforme Grinspun (2002) uma sociedade tida como tecnologizada é aquela que possui uma trama de relações sociais.

Na trama dessas relações encontram-se as TIC que acabam exigindo das Universidades uma atualização em seus cursos, visto que a reestruturação produtiva em voga acaba por gerar a precarização do trabalho e a degradação da relação entre homem e natureza (ANTUNES, 2005). Desse modo, entendemos que nenhuma tecnologia prosperou do vazio social e histórico, ela é o resultado e causa do progresso material alcançado por uma dada sociedade em constante relação com o trabalho humano (POLISTCHUK; TRINTA, 2003).

À medida que a tecnologia avança há uma modificação nas formas de ensinar, bem como nas formas de se pesquisar. Logo, é objetivo do artigo apresentar os limites e possibilidades da comunicação *on line* como ferramenta para coleta de dados na pesquisa em educação. Para tanto, torna-se pertinente discutir em um primeiro momento o que estamos entendendo e conceituando como pesquisa e, posteriormente, analisarmos a relação pesquisa-comunicação *on line* para a coleta de dados científicos. Chamamos a atenção para o fato de que as lupas utilizadas são as nossas e não constituem verdades absolutas, podendo ser questionadas.

AS ARTIMANHAS DA RAZÃO OU OS LUGARES COMUNS DA PESQUISA ACADÊMICA?

Falar de pesquisa acadêmica é algo complexo dada a imensidão de possibilidades de pesquisas e produção do conhecimento. Porém, reconhecemos que nos campos de produção simbólica existe uma hierarquia social dos objetos científicos. Como se na pesquisa houvesse objetos legítimos que se contrapõem aos indignos, denotando a censura que determinado campo de conhecimento coloca a algumas questões de cunho acadêmico. A partir desse aspecto percebemos que a pesquisa não é notada como se deve: na totalidade. Mas totalidade é um conceito complexo, não é mesmo? Se tomarmos as análises marxistas como ponto de entendimento do método em uma pesquisa.

A pesquisa acadêmica traz aspectos do imperialismo cultural que possui o poder de universalizar as particularidades, tornando-as irreconhecíveis. Em pesquisa acadêmica o pesquisador não pode ignorar as situações reais da atividade científica, justamente porque só é possível construir problemáticas ou novas teorias quando abandonamos a ambição profética de "dizer tudo, sobretudo e de forma ordenada" (BOURDIEU, 2007, p. 21).

Para Bagno (1998) pesquisa é uma palavra herdada do espanhol. Vem do *latim* em que perquiro que significa procurar, buscar com cuidado, procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem; aprofundar na busca. Conforme Freire (1996, p. 32):

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei,

> porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Se tomarmos a pesquisa como algo descontextualizado corremos o risco de proceder a uma neutralização do contexto histórico, o qual produz a circulação em nível internacional dos textos científicos que acabam por esquecer as condições históricas nas quais os mesmos são produzidos, causando dentro do meio científico aquilo que denominamos de universalização aparente que "duplica o trabalho de teorização" (BOURDIEU; WACQUANT, 2010).

Esta ilusão da nobreza de um objeto em detrimento de outrem gera um axioma fictício que visa substituir as necessidades sociológicas negadas pela aparência da necessidade lógica que oculta as raízes históricas de um conjunto de questões e de noções que serão acolhidas como objetos de cunho científico. O que estamos dizendo é que objetos como a comunicação *on line* em pesquisas na área da educação ainda são tomados como indignos. Ocorrendo então o que concebemos como as artimanhas da razão, em que nos lugares comuns da pesquisa científica não há espaço para este tipo de objeto devido ao imperialismo da razão, a hierarquia social dos objetos.

Por esse motivo, apontamos no início desse estudo que falar de pesquisa é algo que sempre nos aflora os nervos. Em pesquisa, na maioria das vezes, praticamos um narcisismo intelectual. Dessa maneira, entendemos a pesquisa:

> [...] como processo de construção do conhecimento, tem um tríplice dimensão: uma dimensão propriamente epistêmica, uma vez que se trata de uma

> forma de conhecer o real; uma dimensão pedagógica pois é por intermédio de sua prática que ensinamos e aprendemos significativamente; uma dimensão social, na medida em que são seus resultados que viabilizam uma intervenção eficaz na sociedade através de atividades de extensão (SEVERINO, 2007, p. 26).

A pesquisa como processo de construção do conhecimento deve fugir àquilo que Bourdieu (2007) denomina de bancos do catecismo metodológico, em que há uma dissociação entre teoria e método ou mesmo teoria-teoria. Estes aspectos criticados pelo autor são comumente encontrados em textos científicos nos quais seus pesquisadores se arrogam de saberes, exibindo um tradicionalismo livresco, um excesso de *douta doxa* e esquecem os reais propósitos da pesquisa em educação, por exemplo.

A pesquisa pode ser entendida como:

> [...] o questionamento reconstrutivo, que engloba teoria e prática, qualidade formal e política, inovação e ética. [...] não se busca um 'profissional da pesquisa', mas um profissional da educação pela pesquisa (DEMO, 1998, p. 02).

Em termos de pesquisa educacional os professores da Educação Básica costumam dizer que a pesquisa não serve para eles, que é algo muito chato ou complicado, mas entendemos que essas situações ocorrem justamente porque o conhecimento produzido em nível acadêmico possui de certo modo um excesso de *doxa* que acaba traduzindo o distanciamento de pessoas comuns em relação à Ciência.

Analisamos que a pesquisa científica se ocupa de aspectos do ato de ensinar e este por sua vez constitui-se como global e contextualizado. A pesquisa analisa algo, é analítica, já o ensino visa atingir metas e objetivos. Desse modo, a pesquisa em educação, conforme Pimenta (2012), não pode dizer o que o professor deve ser em sala de aula. Por esse motivo, Bachellard (1996) e Bourdieu (2007) chamam atenção para a imprudência e urgência dos pesquisadores e dizem ser preciso a vigilância epistemológica.

Ao realizarmos uma pesquisa no campo da educação não podemos nos limitar a conceitos de experiência próxima para não nos afogarmos nas miudezas, bem como ficarmos presos a um emaranhado vernacular (GEERTZ, 1978). Outra questão a apontar quando realizamos uma pesquisa científica: não podemos também limitarmo-nos aos conceitos da experiência distante para não incorremos no risco de nos encontrarmos perdidos em abstrações ou sufocados por jargões, muito comum quando se exerce pesquisa com o pensamento voltado para uma hierarquia dos objetos de estudo.

Nesse sentido, devemos nos indagar sobre qual a melhor forma para conduzir uma pesquisa em educação, em como estruturar os seus resultados ao invés de "inquirir que tipo de constituição psíquica é essencial ao pesquisador, ou seja, descobrir que diabos eles acham que estão fazendo" (GEERTZ, 1978, p. 89) quando se propõem a desenvolver uma pesquisa. Este aspecto é esclarecedor, pois proceder a uma pesquisa científica é um exercício de estranhamento existencial e teórico que passa por vivencias múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da experiência humana (PEIRANO, 1995).

Afinal, conforme Durkheim (1984) tudo aquilo que existe, existe de tal maneira determinada e possui propriedades definidas, assim o é a pesquisa. Não podemos esquecer que a prática da pesquisa se insere na cultura de determinada sociedade, em que a simbolização é a qualidade significativa definidora da própria

cultura e não o fato de estarmos no mundo exercendo a pesquisa. Ademais, a pesquisa é linguagem (BOURDIEU, 1977), e a linguagem como qualquer forma de discurso é um produto no qual o seu produtor tem que estar inclinado a produzir um discurso de determinada maneira a seus receptores, desta forma, a linguagem nunca é neutra e a pesquisa como uma forma de linguagem também não.

A comunicação *on line* é um tipo de ferramenta que colabora para a captação dos dados científicos, ela também não é neutra. Não restam dúvidas de que esta ferramenta distintiva traz uma diferenciação quanto ao método escolhido durante uma pesquisa científica, logo, é necessário discuti-la como recurso metodológico.

COMUNICAÇÃO *ON LINE* PARA A COLETA DE DADOS EM PESQUISAS EDUCACIONAIS: SUBVERTENDO O MONOPÓLIO DA COMPETÊNCIA CIENTÍFICA?

Em pesquisa existe uma variedade de objetos empíricos abordados que por vezes chegam a impressionar os pesquisadores. Com isto, dentro do meio científico foi sendo criado um *rol* de temas aceitáveis em detrimento de outros que foram eliminados como essencialmente culturais. Nesse sentido, abordar a comunicação *on line* como possibilidade empírica para a coleta de dados é subverter a essa lógica dos objetos hierárquicos. A comunicação *on line* é uma ferramenta metodológica desnorteante que considera os aportes de outras tradições intelectuais empenhadas em produzir o conhecimento científico.

Geralmente para a mesmice aparente no processo de coletas de dados, a comunicação *on line* mostra-se mais cômoda aos sujeitos informantes, visto que o entrevistado tem sua própria lógica,

conforme Magnani (2008). A comunicação *on line* pode ser realizada de diversas maneiras na consecução da coleta: mensagens por redes sociais e aplicativos para smartphones, acumulando vantagens heurísticas como a variedade dos seus modos e campos de aplicação.

Esse fato nos faz afirmar que a educação enquanto direito social ainda apresenta processos excludentes, em virtude de nem todos possuírem acesso a esse tipo de recurso da tecnologia de comunicação. Para Moraes (2008, p. 19):

> As tecnologias apresentam-se como instrumentos eficazes e adequados à realidade social. A escola não poderia ficar alheia a essa discussão [...] o novo aluno pertence a uma geração digital e pode assimilar com mais facilidade o uso desses recursos.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) surgiram e se desenvolveram no cenário social como importantes para a melhoria das práticas pedagógicas e nas pesquisas acadêmicas. Em se tratando da comunicação *on line* como ferramenta metodológica da pesquisa científica podemos dizer que ela se desenvolve em um modelo próprio e flexível, eliminando os rígidos princípios em relação ao quando pesquisar, onde pesquisar e em que velocidade pesquisar. Rigidez comum em modelos tradicionais do fazer científico.

Concordamos com Belloni (2009, p. 05) quando afirma que:

> [...] os modelos de acesso ao conhecimento de amanhã são difíceis de imaginar e, então, o melhor caminho será centrar o foco no utilizador (usuário) por duas razões logicamente necessárias: entender

> como funciona esta autodidaxia para adequar métodos e estratégias.

Conforme observamos o acesso ao conhecimento e sua produção na sociedade informatizada é algo dinâmico, sendo necessário o pesquisador começar a pensar em novas formas metodológicas para a coleta de dados. De fato, precisamos no meio acadêmico atualizar nossa tecnologia educacional para os dados de pesquisas, justamente porque temos uma nova autodidaxia se desenvolvendo a vários anos por meio das mídias, ou seja, é necessário pensar a comunicação (WOLTON, 2004).

Torna-se pertinente pensar a comunicação *on line* como ferramenta da TIC, um recurso à pesquisa acadêmica, fugindo ao racismo intelectual existente no campo científico, bem observado por Bourdieu (1976, p. 01):

> O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.

Enquanto espaço de luta concorrencial, a comunicação *on line* nos traz uma reflexão sobre o ato de pesquisar, em que concebemos este ato como uma lição de primeira linha, isto é, ela ensina que "[...] a provisoriedade é uma condição de vida, um valor

que não pode ser desprezado ou ignorado, sob pena de transferir para a investigação científica todo o desejo de ser pleno" (GONÇALVES, 2003, p. 16).

Em Gonçalves (2003, p. 18) a pesquisa é tomada como um ato prático, prática social e procedimento pedagógico devendo exorcizar "parte dos fantasmas na latência dos nossos inconscientes históricos, culturais, sociais e pessoais". É este o ponto crucial da comunicação *on line* como forma metodológica para a coleta de dados científicos, visto que nos deixa cientes de que a dúvida é o que funda o ato de pesquisar, uma vez que sem dúvida não há ciência (BACHELLARD, 1996).

Na certeza de que ao fazermos pesquisa realizamos uma espécie de cartase, a utilização da comunicação *on line* para esta ação possibilita ao pesquisador não ser contaminado pela postura petrificada do campo científico: um campo narcisista enquanto espaço de luta (GONÇALVES, 2003; BACHELLARD, 1996; BOURDIEU, 1976, 2007, 1977). Nessa linha de pensamento, comungamos da opinião de Gonçalves (*op. cit*.) ao afirmar que a relação a ser estabelecida entre o pesquisador e seu objeto de estudo deve ter como condição primeira um processo de vigilância epistemológica, assim a pesquisa é "um discurso em que a gente se expõe, no qual se correm riscos" (BOURDIEU, 2007, p. 18).

Quando realizamos uma pesquisa científica necessitamos promover articulações entre os dados, as evidências, as informações adquiridas sobre o assunto e, lógico, o conhecimento teórico acumulado sobre ele. Fazemos isso com base em um problema de pesquisa que ao mesmo tempo desperta o interesse, bem como limita a atividade de pesquisador.

Desse modo, ao realizarmos uma pesquisa na área de educação devemos considerar o quanto é difícil delimitar os fenômenos que a envolvem ou quantificam as variáveis que agem e

interagem com a mesma. Por este motivo, a comunicação *on line*, permite ao pesquisador maior velocidade no acesso aos dados do que as técnicas mais tradicionais comumente em uso. Algumas pesquisas, por exemplo, utilizam a entrevista como técnica de coleta de dados e geralmente é marcado com o sujeito um dia para que a entrevista seja realizada. Pesquisadores como Oliveira (2005) defendem a entrevista como uma técnica que permite a interação entre pesquisador e entrevistado e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando.

Já Bourdieu (2007) destaca que nem sempre é possível entrevistar alguém, uma vez que é o pesquisador quem detém o roteiro de entrevista, o que causa desconforto aos sujeitos informantes. Nesses casos nos quais técnicas e instrumentos tradicionais da pesquisa causam desconforto ao partícipe, a comunicação *on line* permite ao pesquisador utilizar outros meios para a coleta de dados como: o envio do roteiro de entrevista para que o sujeito informante possa digitar suas respostas em relação ao objeto de estudo e enviar ao pesquisador do conforto de sua casa ou do seu ambiente de trabalho.

Destaca-se que mesmo oportunizando conforto ao sujeito informante no tangente ao como e quando enviar as respostas do roteiro de entrevista e/ou questionário, a comunicação *on line* possui certas limitações em relação à devolutiva ao pesquisador, visto que, na maioria das vezes, os sujeitos não enviam de volta as respostas, seja por esquecimento, seja por problemas de conexões ou mesmo "preguiça" para enviar. Recentemente nas duas macros pesquisadas realizadas por nós e já citadas no início desse artigo estes problemas foram relatados pelos sujeitos informantes que compõem a amostragem de ambas.

Embora seja uma ferramenta de coleta de dados, a comunicação *on line* não é vista ainda como uma forma de se fazer e produzir Ciência pela maioria dos pesquisadores, muito atrelados

aos fazeres tradicionais. A Ciência dominante ainda se encontra arraigada da aparente neutralidade científica em que a coleta de dados por meio da comunicação *on line* não exclui "toda e qualquer referência redutora ao ambiente externo" (BOURDIEU, 1977, p. 18). Ou seja, o monopólio da competência científica leva em conta todos os elementos da retórica da cientificidade. Esta atesta uma intenção de cientificismo que contribui para a eficácia da mitologia científica na qual a neutralidade científica dá o tom às técnicas e instrumentos adequados à coleta de dados.

> Em suma, a ciência não opõe um julgamento de valor, mas constata o fato de que a referência a uma hierarquia de valores está objetivamente inscrita nas práticas e, em particular, na luta da qual essa hierarquia é o objeto de disputa e que se exprime em julgamentos de valor antagônicos (BOURDIEU, 2010, p. 40).

A partir desses aspectos do fazer científico tradicional existe ainda um conflito ritualístico entre a ortodoxia do sacerdócio acadêmico e a heresia dos objetos independentes (neste último está localizada a comunicação *on line*), tal conflito demanda a quebra da hierarquia social dos objetos científicos, em virtude de a sociedade informatizada impor ao campo científico novos olhares, novas lupas científicas.

Afirmamos que o método no fazer científico jamais pode ser separado das pesquisas nas quais ele é utilizado, portanto, ao realizar uma pesquisa na área da educação em que escolhemos como ferramenta de coleta de dados a comunicação *on line*, não podemos deixar de articulá-la com a teoria e método de análises elegidos para a produção do conhecimento científico, senão o que teremos como produto não passará de um estudo morto, "incapaz de fecundar o espírito que se entrega a ele" (COMTE, 1978, p. 71).

A comunicação *on line* surge na atualidade para o fazer científico da experiência das pesquisas e suas dificuldades (pelo menos na área da educação), permitindo a construção de um novo sistema de hábitos intelectuais, o qual nos mostra a necessidade de levar em consideração todas as ferramentas conceituais ou mesmo técnicas que nos dão vigor e força à verificação experimental, isto é, embora o modo de coleta de dados tenha sido realizado pelo pesquisador de forma *on line*, não significa que o produto dos dados desta coleta não tenha a mesma força de uma verificação experimental desenvolvida do modo tradicional do fazer Ciência. Entendemos nesse sentido que:

> [...] a metodologia em moda que multiplica os programas em favor de uma pesquisa sofisticada, mas hipotética, os exames críticos de pesquisas feitas por outros [...] ou o veredictos (*sic*) metodológicos, não poderia tomar o lugar de uma reflexão sobre a justa relação às técnicas de um esforço, até mesmo arriscado, para transmitir princípios que não podem se apresentar como simples verdades de princípio porque são o princípio da busca das verdades (BOURDIEU, 2007, p. 11).

O fazer pesquisa, argumentamos, requer do pesquisador e dos seus informantes (receptores) uma referência direta da experiência na primeira pessoa (BOURDIEU, 2007), pois o que fazemos em pesquisa, segundo Geertz (1978, p. 07) são piscadelas de piscadelas, tiques nervosos, interpretações de segunda e terceira mãos, pois pesquisar é:

> Como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de eclipse, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não mais com os

> sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Devemos, portanto, fugir à lógica da Ciência dita científica que pretere certos objetos de estudo, visto que ela permite as desigualdades sociais pesarem mais fortemente em que o dissimulado racismo intelectual se exibe sem jamais aparecer. A Ciência deveria permitir uma análise real do fenômeno por meio da utilização das novas ferramentas de coleta de dados como a comunicação *on line*, pois é "[...] preciso escolher pagar pela verdade um preço mais elevado, em troca de um lucro menor de distinção" (BOURDIEU, 1977, p. 19).

Enfim, chegamos a algumas considerações sobre as questões expostas nesse artigo e sentimos ser preciso dizermos algo. Mas o quê? Surge à mente uma frase de González Rey (2002) o qual nos afirma que na pesquisa o parar sempre é um corte arbitrário. As palavras do autor continuam em nosso pensamento, pois é difícil pararmos nossas argumentações aqui. No início desse estudo dissemos que não sabíamos muito bem por onde começar nossos argumentos e que seria difícil colocar o objeto à mostra.

Esta não é uma tarefa das mais fáceis. Concluir uma pesquisa é um ato arbitrário e utilizamos desta arbitrariedade para cumprir os ritos do fazer científico. Porém, o cumprimento destes ritos não para o ato de pesquisar. Gostaríamos de poder ter mais tempo para discutirmos sobre várias questões as quais ficam em suspenso neste estudo. Não temos dúvidas de que outras análises são possíveis a partir das discussões aqui expostas, inclusive tomando por base outros referenciais que não tenham a comunicação *on line* como ferramenta de coleta de dados.

Mesmo resolvendo encerrar o estudo em questão temos a certeza de que o fenômeno sobre o qual lançamos o olhar continua

latente e passível de outras interpretações, pois o ponto de vista cria o objeto, assim uma Ciência é definida pelo campo real que lhe pertence. A pesquisa científica é organizada em torno dos objetos construídos que não podem ser separados de seus métodos e técnicas, devendo a comunicação *on line* ser pensada e utilizada tomando por base estes aspectos.

Ela não pode ser um hiato, devendo ter alguma serventia. Utilizamos o termo serventia no sentido de utilidade ou proveito. A comunicação *on line*, como recurso para a pesquisa científica deve ter utilidade para todos aqueles fascinados com a produção do conhecimento. A arbitrariedade de pôr fim a uma pesquisa só é válida se seus resultados tiverem proveito para a sociedade na qual está inserido o pesquisador.

Assim, ao pesquisarmos e utilizarmos das diversas ferramentas para a coleta de dados devemos ter em mente enquanto pesquisadores que não é possível evitar a tarefa de pormos nosso objeto em causa e abandonarmos as pré-noções. Devemos questionar esta pretensa hierarquia social dos objetos que despreza outras formas metodológicas para a coleta de dados científicos.

Com vistas a finalizar nossas argumentações sobre a pesquisa, parafraseamos Bourdieu (2007): pode ser nada saibamos acerca de um assunto do qual julgamos saber tudo, porém, apoiados em Marx (2011): nós estudamos como uns loucos para ter nossos escritos sobre a comunicação *on line* antes do dilúvio.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre a metamorfose e a centralidade no mundo do trabalho**. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

BACHELLARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1996.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação?** Capinas: Editora Autores Associados, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Editora da USP, 1977.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

BOURDIEU, P. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. "La production de l'idéologie dominante". **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, vol. 2, n. 3, 1976.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. "Sobre as artimanhas da razão". In: BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

CASTRO, C. M. **A escolha do tema**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva.** São Paulo: Editora Abril cultural, 1978.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1998.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1978.

GONÇALVES, M. F. "A reinvenção do Maranhão dinástico". **Anais do Encontro De Antropólogos do Nordeste**. São Luís: ABANNE, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Editora Pioneira Thompson Learning, 2002.

GRISPUN, M. P. S. Z. (org.). **Educação tecnológica – desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

MAGNANI, J. G. C. "Discurso e representação ou de como os boloma de Kiriwama podem reencarnar-se nas atuais pesquisas". *In*: CARDOSO, R. C. L. (org.). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

MORAES, U. C. (org.). **Tecnologia educacional e aprendizagem – o uso dos recursos digitais**. São Paulo: Editora Livro Pronto, 2008.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Editora Relumme Dumará, 1995.

PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

POLISTCHUK, I.; TRINTA, A. R. **Teorias da comunicação – o pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

WOLTON, D. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora da UnB, 2004.